

A ESCOLA COMO GARANTIA DE DIREITOS

Grasielly Machado¹

RESUMO

Este artigo tem por finalidade apresentar os processos de ensino aprendizagem no âmbito nacional, buscando salientar as dificuldades encontradas por alunos e professores no decorrer da formação educacional, destacar os impasses de aprendizagem decorrentes do processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais. O trabalho é pautado na pesquisa bibliográfica, buscando em diversos autores responder as indagações recorrentes na formação do caráter de crianças e adolescentes. Tem como objetivo destacar a importância do acompanhamento familiar junta à escola, valorizando o aprendiz. Portanto, é salutar evidenciar as problemáticas vivenciadas por professores e alunos, levando em consideração os direitos da criança e adolescente enquanto frequentadores da rede pública de educação.

Palavras-Chave: Educação. Ensino-aprendizagem. Criança. Adolescente.

RESÚMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar los procesos de enseñanza y aprendizaje en el ámbito nacional, que busca resaltar las dificultades que enfrentan los estudiantes y profesores durante la formación académica, destacar los impasses de aprendizaje derivadas del proceso de inclusión de los estudiantes con necesidades especiales. El trabajo se basa en la metodología de la literatura, probándose varios autores respondiendo a las preguntas que se repiten en el carácter de los niños y adolescentes. Tiene como objetivo resaltar la importancia del apoyo de la familia cuando se une a la escuela, la valoración del alumno. Por lo tanto, es beneficioso para resaltar los problemas experimentados por los profesores y los alumnos, teniendo en cuenta los derechos de los niños y adolescentes como patronos de la red de educación pública.

Palabras-Llave: Educación. Ensino-aprendizagen. Niño. Adolescente.

¹Pós-graduação em Redes de Proteção, Educação e Diversidade, Universidade do Contestado, Rua: Adolfo Bading, 243, Bairro: Campo D'Água Verde, Cidade: Canoinhas – SC, CEP: 89460-000, e-mail: gasy.51@gmail.com

1 O PAPEL DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO SOCIAL DO INDIVÍDUO

Compreender como se aprende e o porquê de muitas pessoas inteligentes e muitas vezes geniais encontrarem dificuldades em seu processo de aprendizado é um grande desafio que a Ciência vem buscando desvendar.

Jolibert, (2010, p.17), em seu estudo sobre Sigmund Freud, aponta sobre a importância da necessidade de uma atitude repressiva do adulto contra a criança para que ocorra a socialização.

A educação começa impedindo a livre expressão de certas tendências pulsionais espontâneas. Assim, a função repressiva da educação não é, por si mesma, uma função anexa, parasitária, passível de supressão; a interdição constitui a essência da ação socializante. (JOLIBERT, 2010, p. 17)

Desta forma, é fundamental que os pais tenham uma atitude firme no processo educacional dos filhos, impondo-lhes limites, demonstrando atitudes coerentes para a sociedade na qual está inserido.

Deixar a criança livre para escolhas de suas atitudes é negligenciar impreterivelmente o papel da família, porque um indivíduo sem exemplos, não pode ser considerado irresponsável por suas atitudes e ações. Não há como seguir modelos, se eles não são apresentados, “[...] a tarefa da educação se apresenta como uma tarefa de dominação ou, mais especificamente, de repressão dos instintos”. (Jolibert, 2010, p.18).

Visto em Jolibert, (2010, p.18):

É acrescentado imediatamente, que na educação mais suave, a que tenta evitar que a interdição degenera a um estado mórbido, subsiste um mínimo necessário de proibição. Para se fazer um indivíduo ‘capaz de cultura’, para se fazer um ser ‘socialmente utilizável’, é exigido um mínimo de sacrifício de sua atividade pulsional imediata. (JOLIBERT, 2010, p.18)

Se não for apresentado parâmetros limitadores ao indivíduo em formação, conseqüentemente o seu desenvolvimento, vai acabar sofrendo com as barreiras encontradas fora de seu âmbito familiar, e não torna-se capaz de compreender essas limitações externas, e passa a fazer inúmeras indagações do por que não poder agir fora, se dentro de casa ele podia fazer tudo.

Com isso a família passa a sofrer inúmeros constrangimentos, externados por outras pessoas da sociedade, bem como a agressividade do indivíduo que não

receber determinadas limitações no âmbito familiar. E quanto mais tarde a família passa a atuar na função de educar, mais difícil fica essa função.

1.2 O DESENVOLVIMENTO DO COMPORTAMENTO SOCIAL DO HOMEM

O comportamento social, está diretamente ligado à história da humanidade, desde o seu princípio de formação de comunidades até os dias de hoje, o homem vem sofrendo influências comportamentais que vão alterando-se conforme as necessidades de sobrevivência.

Vygotsky; Luria (1996, p. 95):

O comportamento do homem moderno, cultural, não é só produto da evolução biológica, ou resultado do desenvolvimento infantil, mas também produto do desenvolvimento histórico. No processo do desenvolvimento histórico da humanidade, ocorreram mudança e desenvolvimento não só nas relações externas entre as pessoas e no relacionamento do homem com a natureza; o próprio homem, sua natureza mesma, mudou e desenvolveu-se.

O papel social que se adota em determinadas épocas do desenvolvimento da humanidade, vem alternando-se de acordo com as exigências de sobrevivência. No período das cavernas, o homem era unicamente responsável na função de prover alimento para o grupo no qual vivia, e a mulher tinha a responsabilidade de promover a sobrevivência da espécie cuidando das crianças. E esta situação perdurou até pouco tempo atrás dentro da civilização, mas hoje já se depara com uma realidade bem adversa, onde esse papel social do homem e da mulher, inverteram-se, e ambos tem a responsabilidade de prover o alimento e transmitir conhecimento, comportamento, para que o novo indivíduo da família consiga sub-existir na sociedade na qual esteja inserido. “O desenvolvimento da criança é um processo que tem lugar incessantemente sob nossos olhos”. (Vygotsky, Luria, 1996, p. 95)

E não cabe somente ao pai e a mãe prover educação comportamental ao filho, mas também a família como um todo, além das pessoas que cercam essa família, como amigos, vizinhos.

A educação ocorre por intermédio das experiências sociais, e a criança precisa enfrentar diversas realidades para conseguir modelar o seu perfil e adequar-se cada vez mais com a realidade em qual vive.

Toda criança tem capacidade de adaptação, mesmo encontrando algumas dificuldades, sejam elas emocionais, financeiras, físicas; e a escola também precisa estar aberta para favorecer essa adaptação para a criança, seja esse aluno com dificuldades especiais ou não.

Como aponta Coll, *et all* (2004, p. 15):

A educação especial viveu profundas transformações durante o século XX. Impulsionada pelos movimentos sociais que reivindicavam mais igualdade entre todos os cidadãos e a superação de qualquer tipo de discriminação, incorporou-se, aos poucos, ao sistema educacional regular e buscou fórmulas que facilitassem a integração dos alunos com alguma deficiência.

E a partir do século XX, ficou evidenciado também que o trabalho do professor precisava passar por uma transformação, ele deveria trazer para sua prática educativa, novas fórmulas de ensino-aprendizagem, ter um enfoque com maior interação, e a escola passa a ter uma maior responsabilidade sobre os seus problemas sociais e pedagógicos, não é mais somente a família que precisa interagir na educação da criança, mas sim, com maior importância a escola precisa assumir o seu papel.

1.3 O PAPEL DA ESCOLA NO PROCESSO DE INCLUSÃO

Na atualidade a escola se depara com diversos fatores e níveis de desenvolvimento intelectual, e no decorrer do desenvolvimento do processo educacional essas dificuldades apresentadas pelos alunos foram sendo vistas de diferentes formas.

Como versa Coll *et all* (2004, p. 15):

Durante a primeira metade do século XX, o conceito de deficiência, diminuição ou handicap incluía as características de inatismo e de estabilidade ao longo do tempo. As pessoas eram deficientes por causas fundamentalmente orgânicas, que se produziam no início do desenvolvimento e cuja modificação posterior era difícil, tal concepção impulsionou um grande número de trabalhos que procuraram resumir em diferentes categorias todos os possíveis transtornos que poderiam ser detectados.

Com o passar dos anos, e como resultado desses estudos, ainda se mantinha uma característica comum de que os transtornos apresentados pelas crianças eram inerentes à elas e com poucas possibilidades de intervenção educativa ou mudança por parte da escola e do professor. Isso trouxe uma nova necessidade, a de

diagnosticar exatamente o transtorno apresentado pela criança, “[...]generalizam-se os testes de inteligência, cujo objetivo principal é o de situar as pessoas em um determinado nível, comparando-as com o restante da população”. (COLL, *et all*, 2004, p.17).

Ficam evidentes as mudanças de testes realizados com as crianças, e estes muitas vezes, apresentam ineficácia em seus resultados. Cada criança deve ser analisada de forma individual, e não seguindo sempre um mesmo padrão, é necessária a participação de diversos profissionais, em diferentes campos do conhecimento, como psicólogos, psiquiatras, neurocientistas, psicopedagogos, dentre outros. “A partir da década de 1960, produz-se um movimento bastante forte, impulsionado por âmbitos sociais muito diversos, que irá provocar profundas transformações no campo da educação especial”. (COLL, *et all*, 2004, p.17).

E estes fatores, de acordo com (COLL, *et all* 2004, p. 17-19) podem ser resumidos da seguinte forma:

- Uma nova concepção dos transtornos do desenvolvimento e da deficiência: o déficit já não é mais uma categoria com perfis clínicos estáveis, e o sistema educacional deve intervir para o favorecimento do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos que apresentem alguma característica deficitária;
- Uma perspectiva distinta dos processos de aprendizagem e das diferenças individuais: destaca-se o papel ativo do aprendiz e a importância de que os professores levem em conta seu nível inicial de conhecimentos e ajudem o aluno a completá-lo ou reorganizá-lo. O aluno é visto de forma individualizada, levando em consideração cada processo da aprendizagem e como cada um se adequa às práticas educativas;
- A revisão da avaliação psicométrica: os testes de inteligência passam a ser reavaliados, os resultados dos testes não bastam para classificar o aluno. O papel do psicólogo juntamente com o professor são imprescindíveis para a avaliação e formulação de novas práticas educativas;
- A presença de um maior número de professores competentes: ocorre uma integração entre estudos de diversos países para modificar o sistema de formação e qualificação dos profissionais em educação, e ocorre a reforma da separação das escolas regulares das escolas especiais, passando a haver uma integração dos sistemas;

- A extensão da educação obrigatória: a escola passa a ter o papel de escola integradora e não mais segregadora, a partir da generalização do ensino médio, levando a uma reformulação das escolas;
- O abandono escolar: o fracasso escolar situa-se prioritariamente em fatores sociais, culturais e educativos, e um número significativo de alunos abandona a escola antes mesmo de concluir a educação obrigatória;
- A avaliação das escolas de educação especial: muitos dos resultados obtidos pelas instituições de educação especial são limitados, o que leva a repensar sua função, e a observar que os alunos que não eram afetados gravemente poderiam ter uma nova forma de escolarização;
- As experiências positivas de integração: a integração passa a ser colocada em prática com a difusão da informação, a participação de setores mais amplos e variados, criando uma atmosfera cada vez mais favorável à integração;
- A existência de uma corrente normalizadora no enfoque dos serviços sociais: todos os cidadãos passam a ser beneficiados igualmente pelos serviços prestados por diversos profissionais (psicólogos e médicos), evitando a existência de sistemas paralelos que diferenciam alguns poucos da maioria;
- Os movimentos sociais a favor da igualdade: a mudança de atitude em relação às minorias dos indivíduos com deficiência é favorecida não apenas pela pressão dos pais e associações que reclamam seus direitos, mas por movimentos que defendem os direitos civis das minorias raciais, culturais ou linguísticas.

Esses fatores ajudaram a compreender melhor as deficiências, a partir de uma perspectiva educacional, onde dois fenômenos são bastante relevantes nessa aproximação social, na organização das escolas, na reformulação do currículo, na formação dos professores, que é no “[...] plano conceitual, um novo enfoque baseado na análise nas necessidades educativas especiais dos alunos; no plano da prática educativa”. (COLL, *et al*, 2004, p. 19).

Observar as práticas educacionais especiais de cada aluno passou a ser empregado a partir dos anos 60, mas modificar os esquemas pré-existentes na educação especial foi enfrentado com dificuldade. Isso foi se modificando com o informe Warnock, “[...] encomendado pelo secretário de Educação do Reino Unido a

uma comissão de *experts* presidida por Mary Warnock e publicado em 1978, teve o importante papel de convulsionar as formulações existentes e popularizar uma concepção distinta”. (COLL, *et all*, 2004, p. 19).

Este informe aponta sobre o fator de agrupar as dificuldades apresentadas pelas crianças em terminologias de categorias fixas não traz benefícios para a criança, professores ou os próprios pais. São apontadas quatro razões principais para justificar esse fator, como nos aponta Coll, *et all*, (2004, p. 19):

1. Muitas crianças são afetadas por varias deficiências;
2. As categorias confundem o tipo de educação especial que é necessário, já que promovem a ideia de que todas as crianças que se encontram na mesma categoria, tem necessidades educativas similares;
3. As categorias, quando são a base para a provisão de recursos, não os proporcionam para aquelas crianças que não se ajustam às categorias estabelecidas;
4. As categorias produzem o efeito de rotular as crianças de forma negativa.

No que diz respeito, ao comportamento social dos alunos com necessidades especiais, está intrinsecamente ligado ao fato de como a sociedade olha para essas crianças, muitas vezes ocorre um preconceito velado, onde as pessoas fingem aceitar a diferença, mas nem ao menos sabe lidar com ela. Não podemos nos deparar mais com esse tipo de comportamento, pois cada vez mais temos a nossa disposição estudos que versam sobre esse assunto, o que não pode ocorrer é a paralisação social, o não querer compreender aquele que nos cerca.

As escolas estão cada vez mais se adaptando para um melhor atendimento dos alunos com necessidades educativas especiais, esse termo, como aponta Coll *et all*, (2004, p. 19-20), reflete:

O fato de que os alunos com deficiência ou com dificuldades significativas de aprendizagem podem apresentar necessidades educativas de gravidades distintas em diferentes momentos. Existe, como consequência, um conjunto de alunos que manifestam necessidades educativas especiais em algum momento ao longo de sua escolarização.

Não basta apenas a sociedade aceitar o aluno com dificuldades especiais dentro do convívio social na escola, mas esta precisa estar apta a cumprir com o seu verdadeiro valor de ensinar e promover o desenvolvimento do intelecto do aluno.

Portanto, precisamos observar melhor cada necessidade que nossos alunos venham a apresentar, e nos prepararmos para uma prática pedagógica eficiente, que possa ajudá-lo em seu desenvolvimento.

1.4 O QUE É APRENDIZAGEM?

Quanto maior for a interação com os outros e com a sociedade na qual o aluno está inserido, quanto maior for a sua prática leitora, quanto maior for o contato com a realidade que o cerca e com a informação, maior será o seu conhecimento e a sua aprendizagem, “[...] a aprendizagem é considerada um dos pólos do processo educativo” (LEAL, NOGUEIRA, 2011, p. 21).

Se a criança não tem contato com diversos fatores sociais, ela não consegue assimilar as informações que lhes são despejadas em sala de aula. O aluno já chega com uma bagagem cultural muito grande ao entrar na sala de aula, e cabe ao professor mediar essas informações pré-existentes e proporcionar novos conceitos, reforçando o que o aluno já sabe, ou corrigindo suas falhas conceituais. A aprendizagem se processa a partir da interação entre a informação velha e a nova.

Na atualidade, a escola tem o papel fundamental no que se refere à aprendizagem, pois alguns conhecimentos socialmente construídos, alguns códigos sociais e algumas normas de conduta são aprendidos muitas vezes nas escolas. Esses conceitos alcançados na prática educativa, levam o aluno a uma interação social muito maior, e que ele conseqüentemente levará para a sua vida adulta.

Porém, a escola tem a função de não fracassar no processo educativo do aluno, pois isso fatalmente influenciará a vida adulta do aluno, como aponta Leal, Nogueira, (2011, p. 21):

Grande parte das instituições escolares tornou-se decadente face ao desenvolvimento tecnológico e científico ante os avanços histórico-sociais e culturais vividos pela Humanidade. As salas de aula estão cada vez mais ultrapassadas, assim como o formato curricular seguido pela maior parte delas.

Os professores precisam estar em constante aperfeiçoamento para que o processo de ensino aprendizagem não seja prejudicado, desta forma teremos alunos satisfeitos em nossas salas de aula, passando a uma valorização maior do papel do professor pela sociedade como um todo.

As tecnologias estão presentes em nossas vidas fora da escola, e esta precisa adaptar-se à realidade para que não desestimule o aluno, que já traz um grande conhecimento da realidade fora da escola, e precisa manter esses conceitos e aperfeiçoá-los.

A situação de aprendizagem escolar com as demais que o aluno já traz de sua convivência social é bem diferente, isso acontece por que na escola a construção de saberes é deliberada. Tanto o professor quanto o projeto pedagógico têm uma intenção; existem objetivos a serem alcançados e por isso ocorre uma seleção do que vai ser ensinado e aprendido. Essa aprendizagem é também sistemática, pois se dá de acordo com a organização e a sequência da metodologia de ensino escolhida pelo docente.

Cabe à educação, ao mesmo tempo, libertar o aluno do cotidiano, fazendo-o superar a experiência imediata para poder alcançar conhecimentos mais amplos, estes sistematizados nas ciências, nas artes e nas linguagens. São estes, que mobilizados, favorecem o enfrentamento das muitas tarefas da vida, do trabalho produtivo e o exercício da cidadania qualificada.

A escola não é o único lugar onde a aprendizagem acontece, em casa, na rua, no trabalho, no lazer, em contato com a tecnologia ou com a natureza, enfim em todos os ambientes e situações pode-se aprender ou ensinar.

Cada situação pode ser uma situação de ensino aprendizagem. Mas, para aprender ou ensinar necessariamente é preciso ser capaz de indagar, pesquisar, procurar alternativas, experimentar, analisar, dialogar, compreender, enfim, ter uma atitude consciente perante a realidade.

Como aponta Romero, (2004, p. 53):

Muitas vezes, ouvem-se professores e pais dizerem que os alunos “não estão preparados”, ou que apresentam um “atraso na maturação necessária” para iniciar esta ou aquela aprendizagem. Isso costuma ocorrer sobretudo com a aprendizagem da leitura e da escrita.

O ensino visa aprendizagem, este que é um processo de aquisição de conhecimentos, conteúdos ou informações. As informações são importantes, mas, precisam passar por um processo complexo, a fim de se tornarem significativas para a vida das pessoas. Daí a importância de se trabalhar todos os dados e informações de maneira consciente e crítica por quem recebe.

Schmit, (2001, p. 53) descreve a aprendizagem como sendo “um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir.”

Tipos de aprendizagens:

- aprendizagem motora;
- Aprendizagem cognitiva;

- Aprendizagem afetiva ou emocional.

É importante considerar que pode-se aprender várias coisas ao mesmo tempo. Quando se aprende escrever por exemplo aprende-se também o significado das palavras.

Algumas crianças aprendem de uma forma e outras já preferem outras formas de aprender. Cada um tem seu estilo, pessoal e único. Deve-se conhecê-los e aproveitar a abordagem mais eficaz para a aprendizagem do aluno, “[...] o processo de aprendizagem é um processo bastante complexo e delicado, porém é muito saudável que haja dúvidas, desequilíbrios, dificuldades e adaptações para se assimilar e acomodar novos conhecimentos”. (Leal e Nogueira, 2011, p. 55).

O professor precisa estar atento às nuances do processo de aprendizagem do seu aluno para que haja um verdadeiro aproveitamento desse conhecimento.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Segundo LAKATOS e MARCONI (1988, p. 41-42) a finalidade da atividade científica é a obtenção da verdade, através da comprovação de hipóteses, que por sua vez, são pontes entre a observação da realidade e a teoria científica que explica a realidade. Para que isso ocorra de modo adequado, é preciso que se acrescente um método de trabalho, ou seja, um conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permitir alcançar os objetivos – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

O método científico envolve técnicas exatas, objetivas e sistemáticas. Regras fixas para a formação de conceitos, para a condução de observações, para a realização de experimentos e para a validação de hipóteses explicativas. O objetivo básico da ciência não é o de descobrir verdades ou de se constituir como uma compreensão plena da realidade.

Deseja fornecer um conhecimento provisório, que facilite a interação com o mundo, possibilitando previsões confiáveis sobre acontecimentos futuros e indicar mecanismos de controle que possibilitem uma intervenção sobre eles. Método de acordo com o dicionário Aurélio (do grego *methodos*; *met'hodos* significa, literalmente, “caminho para chegar a um fim”) é, portanto, o caminho em direção a um objetivo; metodologia é o estudo do método, ou seja, é o corpo de regras e

procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa; científica deriva de ciência, a qual compreende o conjunto de conhecimentos precisos e metodicamente ordenados em relação a determinado domínio do saber.

VIEIRA (2004, P.18) A metodologia consiste em um plano detalhado de como alcançar os objetivos, respondendo as questões e testando as hipóteses que foram formuladas. Metodologia é o método para se seguir o conhecimento verdadeiro, analisando o objetivo real, viabilizando sua comprovação e benefícios sociais, ou seja, o conhecimento é provado por qualquer pessoa em qualquer parte do universo. A ciência cria novos objetos de estudo que não existem no cotidiano.

VIEIRA (2004, p. 19) ao abordar o assunto, coloca: “A metodologia é uma parte extremamente importante, pois é a partir dela que os tópicos gerais de cientificidade (validade, confiabilidade e aplicação) poderão ser devidamente avaliados”.

Assim, apresenta-se a metodologia a ser aplicada neste trabalho, em que se estabelece o delineamento da pesquisa, a forma de coleta e tratamento dos dados, a seleção dos sujeitos da pesquisa e os argumentos quanto à sua limitação. Para que essa pesquisa tenha êxito à metodologia - o caminho a ser percorrido - é observável no quadro abaixo.

3 DISCUSSÕES E RESULTADOS

O panorama educacional hoje no Brasil vem sofrendo de diversas formas, onde a classe de professores faz greves em busca de melhores condições de trabalho e salário, os alunos por sua vez, enfrentam grandes distâncias para chegar à escola em transportes escolares sucateados, sem a devida segurança, desvios de verbas públicas, desta forma nunca chegando ao destino correto.

E com todas essas problemáticas o processo de ensino aprendizagem enfrenta uma grande batalha, para que ao final de cada ano letivo, os alunos tenham adquirido as habilidades necessárias para a próxima fase escolar.

Não é por causa da falta de apoio e investimentos na educação que o país vai melhorar as condições atuais que apresenta, a escola passou a ser assistencialista ao invés de ser a instituição que prepara os jovens para o mercado de trabalho, muitas vezes professores acabam fazendo o papel de pai, psicólogo, enfermeiro, quando a responsabilidade não cabe a eles.

A sala de aula passou a ser palco de brigas, tráfico, quando em sua realidade deveria ser um ambiente de estudo e aprimoramento pessoal, não basta mais para o profissional de educação preparar e organizar o plano de aula, muitas vezes acaba sendo mediador de conflitos externos que se refletem em sala de aula.

O governo preza apenas por resultados melhores nas provas de investigação educacional como o ENEM e A Prova Brasil, cobram das gerências educacionais e conseqüentemente das escolas atitudes que venham aumentar o resultado, e em contra partida, esquece de fazer o seu devido papel no momento de investir em melhores condições para alunos e professores, dando suporte pessoal e técnico em todos os níveis de educação.

Fica difícil melhorar índices, quando se investe em apenas um patamar da educação, é necessário suprir todas as dificuldades em todos os níveis, pois assim valida o trabalho do professor e um melhor desempenho dos estudantes.

Desta forma, obtém-se qualidade no processo de ensino-aprendizagem, e não apenas dados quantitativos de alunos aprovados ou reprovados ao final do ano letivo. Todos precisam estar engajados com a escola, profissionais, pais, alunos, governo e a sociedade em geral, tendo como objetivo uma escola igualitária todos os envolvidos terão retorno e bons resultados.

4 CONCLUSÃO

Tendo em vista o nível de valorização do profissional de educação, as formações continuadas que não são mais oferecidas aos professores, o caminho que a educação nacional percorre é bastante árduo.

As crianças e adolescentes, por muitas vezes acabam deparando-se com profissionais despreparados e desmotivados, e o impacto que isso proporciona em sua vivência escolar acaba refletindo também para àqueles profissionais que buscam aperfeiçoamento contínuo e a valorização dos educandos.

Muitos fatores são comprometedores na formação social do aluno, porém cabe aos pais e todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem sanar todas as dificuldades que a criança e o adolescente venham apresentar, buscar maneiras de apresentação de conteúdo dinâmica, despertando a vontade de aprender.

Pouco se conquista sem educação, e é preciso deixar isso cada vez mais evidente para as crianças e adolescentes da rede pública de educação, buscando

incutir em seu íntimo a vontade de continuar estudando e melhorar as condições de vida na qual se encontre.

A escola tem papel fundamental na vida de todas as pessoas, é nesse espaço que ocorrem as primeiras garantias de direitos da criança e do adolescente, as vivências com outras pessoas de mesma faixa etária viabiliza a descoberta de novas perspectivas de vida, aprende-se sobre a aceitação e o respeito ao espaço do outro. Nesse ambiente, além da formação técnica que se apresenta, também aprende-se sobre as dinâmicas sociais ao qual o aluno esteja inserido, tendo que encontrar soluções para os problemas que se apresentem e dinamizar a forma de aprendizagem.

Portanto, é imprescindível tal convívio para a formação social do indivíduo, não olvidando a principal função da escola que é a garantia à educação e aos processos de formação profissional. E todos precisam estar juntos nesse trabalho, para que todas as partes envolvidas obtenham êxito.

REFERÊNCIAS

- COLL, César, MARCHESI, Álvaro, PALACIOS, Jesus (orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Trad. Fátima Murad. – 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- JOLIBERT, Bernard. **Sigmund Freud**; tradução: Elaine Teresinha Dal Mas Dias. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**, São Paulo: Atlas, 1985.
- ROMERO, J. F. Os atrasos maturativos e as dificuldades de aprendizagem. In: COLL, C., PALACIOS, J., MARCHESI, A. desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- SMITH, C. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre: ArtmedEditora, 2001.
- VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. **Pesquisa Qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: FGV, 2004
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

AGRADECIMENTO:

Aos professores que dedicaram seu tempo na transmissão de conhecimento,
À Universidade do Contestado pelo esforço em oferecer e manter este curso
de pós-graduação,

E aos colegas que somaram ainda mais nesse processo de ensino
aprendizagem.